

As colecções arqueológicas do Instituto Geológico e Mineiro

José M. Brandão *

Resumo

É bem conhecida a íntima ligação, de décadas, entre a geologia e a arqueologia portuguesas, podendo mesmo dizer-se que esta se iniciou com as primeiras "Comissões Geológicas" criadas na segunda metade do século passado.

Durante cerca de 100 anos, o pessoal das várias "Comissões Geológicas" e dos "Serviços Geológicos de Portugal", conduziu e acompanhou dezenas de trabalhos arqueológicos em todo o país, dos quais resultou um vasto espólio conservado nos museus do I.G.M. (Lisboa e Porto), que constitui o que é, ainda hoje, um dos mais importantes acervos arqueológicos do país.

Há cerca de quatro anos, iniciaram-se diversos trabalhos de inventário e recondicionamento destas colecções que permitiram, por um lado, ter uma visão global do conjunto até agora inexistente e que se aborda nesta comunicação e, por outro, uma percepção dos seus problemas mais pertinentes.

Consideramos que estes materiais são parte inalienável do património do I.G.M., merecendo, pelo seu elevado valor científico e cultural, um investimento compatível com as necessidades da sua preservação, conservação e exposição.

Abstract

Is well known that Geology and Archaeology had a strong connection for several decades in Portugal, and we may say that Archaeology was born with the former "Geological Commissions" in the second half of last century.

The staff of the "Geological Commissions" and of "Serviços Geológicos de Portugal", made a lot of archaeological field works for about one hundred years, and assembled a large amount of materials preserved in the Museums of the I.G.M. (Lisbon and OPorto), that still stands as one of the most important archaeological collections in Portugal.

* Museu do Instituto Geológico e Mineiro. R. da Academia das Ciências, 19-2.º 1200-003 LISBOA

Four years ago, we began several works concerning the inventory and reinstallation of these collections, and it is possible nowadays to have an overall view over them and over its main problems.

So, we may say that this collection is part of the history of the I.G.M., and its great scientific and cultural value justifies a proportional investment in storage, conservation and exhibition.

1. Introdução

É sobejamente conhecida a ligação íntima entre a geologia e a arqueologia portuguesas. Pode mesmo dizer-se, que esta encontrou os seus primeiros cultores nos pioneiros da geologia nacional, nomeadamente em Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Pereira da Costa considerados, com justiça, fundadores da arqueologia pré-histórica portuguesa.

Até meados dos recentes anos setenta, o pessoal técnico e científico das várias “Comissões Geológicas” e dos “Serviços Geológicos de Portugal”, conduziu ou acompanhou largas dezenas de estudos arqueológicos em praticamente todo o país. Desses trabalhos resultou um valioso património constituído por alguns milhares de artefactos (líticos, cerâmica, osso, metais e arte móvel), parte dos quais se encontram conservados nos museus do actual Instituto Geológico e Mineiro¹.

Muitos dos materiais que constituem o que continua a ser um dos mais importantes acervos arqueológicos do país, permaneceram inéditos durante longos anos encontrando-se ainda alguns por estudar e muitos por rever, já que foram descritos e classificados à luz de outros quadros de referências científico-culturais.

2. Crescimento e representatividade das colecções

Dada a inexistência de livros de registo, inventários ou catálogos dos materiais arqueológicos entrados no museu ao longo do tempo, os diversos artigos, entretanto, publicados nas “Memórias e nas Comunicações dos Serviços Geológicos” e o “Guia Descritivo das Colecções de Pré-História” elaborado por Joaquim

¹ Museu Geológico em Lisboa e Museu de Jazigos Minerais no Porto.

Fontes e E. Fleury em 1932, constituem as únicas fontes que permitem ter uma visão (muito) geral das colecções de então.

É pela leitura destes vários trabalhos que podemos concluir, por um lado da reduzida importância que inicialmente tinham os materiais paleolíticos, praticamente confinados às polémicas recolhas de Carlos Ribeiro na região da Ota, e por outro, da importância dos conjuntos neolíticos e eneolíticos recolhidos nas grutas de Oeiras, Cascais, Cesareda e Furninha, que preenchiam a maior parte do espaço expositivo. Grande relevo era, então, também dado aos materiais provenientes dos concheiros de Muge, que ocupavam na sala uma posição de privilégio (fig. 1).

A primeira grande fase de instalação e crescimento das colecções arqueológicas do I.G.M., decorre dos trabalhos realizados por Carlos Ribeiro e Nery Delgado no período vizinho da reunião em Lisboa da 9.^a sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, em 1880, como nos dá conta o próprio Nery Delgado (1900, p. xxx).

Entre os materiais recolhidos nesse período devem destacar-se, pela sua importância científica e quantidade, os provenientes dos concheiros de Muge e os do povoado de Liceia resultantes das escavações conduzidas por Carlos Ribeiro, e os enormes conjuntos de utensílios e ossos humanos e fauna, resultantes das escavações de Nery Delgado nas grutas de Cesareda e da Furninha.

A investigação feita no decurso dos trabalhos de inventário em curso, permitiram-nos constatar que na primeira metade deste século, houve dois períodos de grande crescimento das colecções de Arqueologia dos “*Serviços Geológicos*”. O primeiro aconteceu em meados de 1911, com a incorporação dos materiais

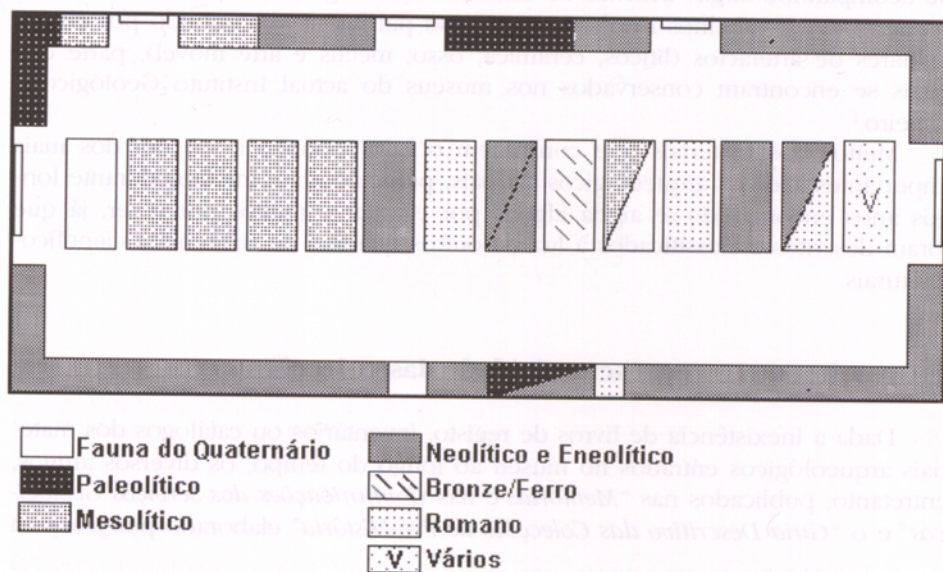


Fig. 1 – Planta da sala de Arqueologia Pré-histórica nos anos trinta, mostrando a distribuição espacial e importância relativa das colecções de acordo com as descrições de Fontes e Fleury. (Rep. de Brandão; Barata, 1998).

provenientes da descoberta e exploração das estações de superfície dos arredores de Lisboa, por vários investigadores de que se destacam os irmãos Fontes ². O segundo período corresponde à década de quarenta (provavelmente os anos de maior crescimento destas colecções), particularmente marcada pelas colheitas de Georges Zbyszewski e Henry Breuil nas estações paleolíticas dos terraços do Vale do Tejo e das praias quaternárias do litoral português.

As centenas de peças recolhidas por estes dois cientistas, magistralmente referidas nas sínteses publicadas em 1942 e 1945, vieram pouco depois juntar-se parte considerável dos achados de Abel Viana e Lerenó Antunes no paleolítico do Baixo Alentejo e nos terraços do Caia e Gadiana.

Embora, posteriormente, tenham entrado no museu outros materiais provenientes sobretudo do litoral alentejano, as colecções paleolíticas do I.G.M., que constituem actualmente a maior parcela do acervo, correspondendo-lhes cerca de 60% dos 1200 arqueossítios representados na colecção (Brandão, 1998), adquiriram nos anos quarenta, praticamente, o seu presente contorno, assumindo desde então uma importância reconhecida ³.

O período correspondente aos anos cinquenta a setenta foi, também, caracterizado por uma significativa entrada de novos materiais provenientes das diversas escavações em grutas, monumentos e povoados pré-históricos conduzidas por Veiga Ferreira, G. Zbyszewski e por vários colaboradores dos Serviços Geológicos. Salientem-se, entre tantos outros, os materiais recolhidos com V. Leisner nas grutas artificiais do Casal do Pardo, bem como os provenientes dos monumentos funerários de tipo dolménico e de falsa cúpula de Casainhos, Conchadas e Praia das Maças e, ainda, o conjunto funerário calcolítico proveniente do singular monumento da Roça do Casal do Meio.

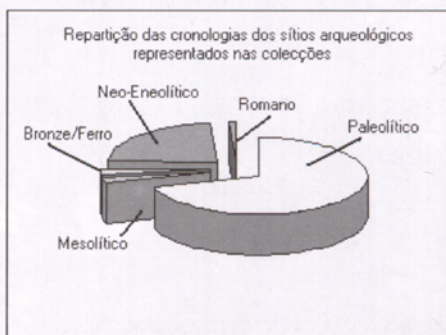


Fig. 2 – Repartição cronológico-cultural dos sítios arqueológicos representados nas colecções do I.G.M., apurada com base nos trabalhos de inventário em curso (Seg. Brandão; Barata, 1998).

² Desta altura, merecem referência particular pela sua quantidade e diversidade, os materiais provenientes da estação do Casal do Monte descoberta por J. Fontes, os recolhidos nas várias estações da serra de Monsanto e os recolhidos no perímetro da Amadora.

³ A elas se refere A. Paço, dizendo que no seu conjunto estes materiais constituíam “a melhor colecção paleolítica de Portugal” (Paço, 1940, p. 10)

Outros materiais deste grande e derradeiro período de trabalhos que também merecem referência, são os recolhidos com Afonso do Paço nas grutas da nascente do Almonda, Bugalheira e Cascais, por Veiga Ferreira na gruta e povoado de Salemas e por G. Zbyszewski com Veiga Ferreira, M. Leitão, C. T. North e Norton nas grutas Nova da Columbeira, Correio-Mor e Lugar do Canto, correspondendo estes, provavelmente, às últimas entradas de materiais arqueológicos no museu, no final dos anos setenta.



Fig. 3 – Aspecto actual da sala de arqueologia.

Entretanto, Jean Roche retomara, nos anos sessenta, com Veiga Ferreira o estudo dos concheiros de Muge, trazendo para o museu grande quantidade de instrumentos líticos e de osso, restos de mamíferos e de fauna malacológica e ictiológica e um importante conjunto de esqueletos recentemente estudado pela equipa de Mary Jacques e sobre o qual se debruçam novamente investigadores da Universidade de Coimbra.

Estamos convictos que, no seu conjunto, estes materiais, em parte ainda inéditos, constituem provavelmente o maior acervo do mesolítico português⁴.

Ao longo do tempo, foi também reunida pelo pessoal dos Serviços Geológicos e do antigo Serviço de Fomento Mineiro, uma pequena colecção de utensílios proveniente de várias explorações romanas de cobre e ouro, hoje repartida pelos dois Museus do I.G.M. Apesar de pequeno, este conjunto integra, no entanto, peças notáveis datadas dos séculos I e II, de que se destacam, por exemplo, a famosa placa de bronze com legislação mineira, proveniente das minas de Algarès, Aljustrel e o riquíssimo conjunto de peças em cobre e bronze, provenientes das antigas explorações auríferas de Valongo (fig. 4).



Fig. 4 – Uma das mais interessantes peças de bronze da mina do Fojo das Pombas, Valongo. Museu de Jazigos Minerais do IGM (Rep. de Castro, 1961).

⁴ Além do acervo dos concheiros do Tejo e do Sado, as colecções correspondentes a este período cronológico-cultural estão também representadas pelos materiais *Asturienses* recolhidos por G. Zbyszewski no litoral minhoto e os correspondentes ao chamado período *Mirenses*, também recolhidos por G. Zbyszewski com C. Penalva e outros, nos arredores de Vila Nova de Milfontes.

Nas últimas duas décadas, porém, seja pela nova política quanto à principal missão dos serviços responsáveis pela Geologia nacional, seja pelo facto de a Arqueologia portuguesa se ter entretanto autonomizado, constituindo-se novos núcleos de investigação por todo o país, não só não houve praticamente novas entradas de materiais arqueológicos, como ainda, se assistiu ao relativo empobrecimento das colecções, pela degradação progressiva de algumas peças, ou pela sua transferência para outros locais.

3. Gestão das colecções

Apesar dos estudos de que a maioria destes materiais foram alvo e da publicação dos “guias descritivos” de Fleury e Fontes (1932) e de Veiga Ferreira (1977)⁵, não existe ainda, um catálogo geral que os refira e detalhe. Pode dizer-se que muito do conhecimento que hoje se possui destas colecções decorre, por um lado, do facto de estas terem estado sempre à disposição dos investigadores, e por outro, de serem provenientes de descobertas pioneiras na arqueologia portuguesa e terem, por isso, servido de base ao estabelecimento da sequência das várias etapas cronológico-culturais do actual território português.

A inexistência de um inventário geral mais ou menos detalhado, foi sobretudo consequência da impossibilidade prática do pessoal dos *Serviços* poder garantir à colecção arqueológica mais atenção do que a estritamente necessária para dela extrair os possíveis elementos que permitissem a sua descrição e enquadramento, após o que eram imediatamente guardadas.

O problema da escassez dos recursos humanos e financeiros requeridos pela colecção arqueológica era já referido por Nery Delgado no relatório *Les services Géologiques du Portugal de 1857 à 1899*. Talvez por isso, as colecções estiveram em risco de ser desmanteladas como se conclui de outro dos seus relatórios onde avançava a hipótese de que “as colecções, que não se ligam directamente à geologia”, com algumas excepções, pudessem sair da instituição e serem entregues ao “núcleo de arqueólogos emergente do Congresso de 1880” (Delgado, 1907-1909).

Desde há cerca de quatro anos que se está a trabalhar no inventário e recondicionamento dos materiais arqueológicos, estando hoje disponíveis listagens gerais muito simples, que abrangem a quase totalidade do acervo e um índice geral dos sítios arqueológicos representados nas colecções. Os trabalhos em curso permitiram também obter a visão de conjunto dos materiais existentes, que aqui se deixa esboçada, bem como dos principais problemas postos por esta importante colecção.

Neste capítulo, podemos dizer que os problemas mais pertinentes se prendem com a inexistência de registos de entrada e/ou saída de peças no museu e com a escassa ou nula documentação de apoio, nomeadamente levantamentos, fotografias, cadernos de campo e outros registos. Para a maioria das peças, apenas se dispõe de breves referências aos locais de recolha, eventualmente à sua

⁵ Estes guias, porém, não foram mais além da caracterização sumária dos principais conjuntos de peças e da sua localização no Museu.

cronologia, situação por vezes agravada pelo mau estado ou laconismo das etiquetas originais (fig. 5) ou pela mistura de materiais provenientes de vários sítios sem que as peças exibam quaisquer marcações que possibilitem a sua rápida separação.

O grande recurso é normalmente a abundante bibliografia arqueológica, sabendo-se, à partida, que parte significativa destes materiais foram descritos e publicados.

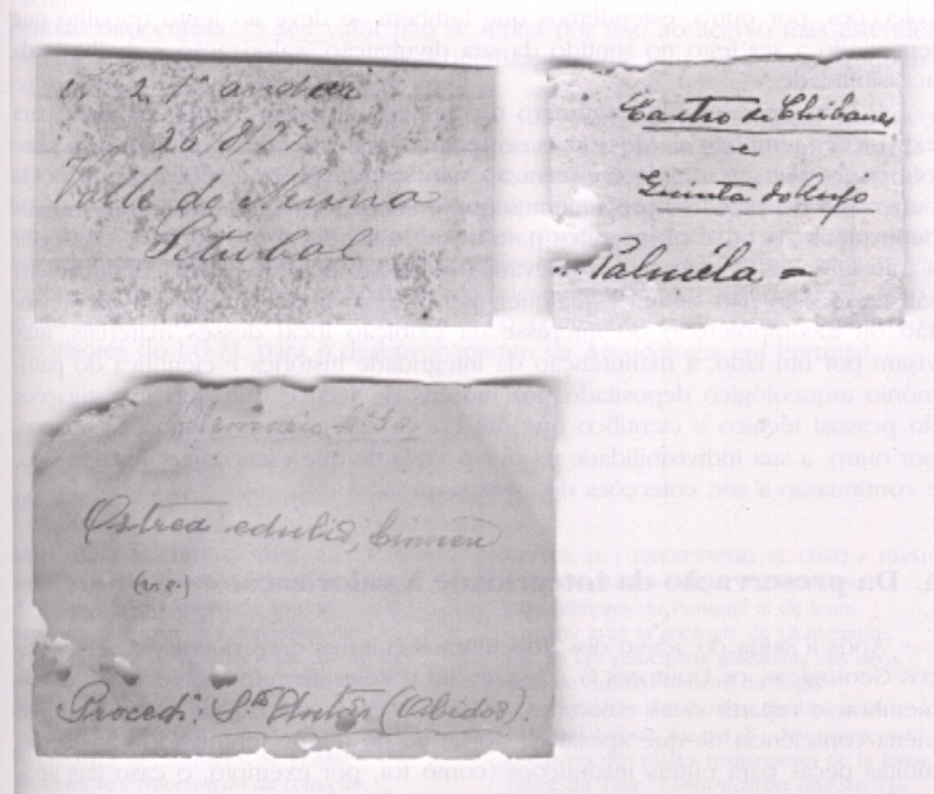


Fig. 5 – Exemplo de etiquetas existentes junto das peças arquivadas.

Do ponto de vista do estado de conservação, embora a maior parte do acervo seja relativamente resistente à acção dos agentes de degradação mais vulgares, levantam-se problemas em relação a algumas peças, nomeadamente, as fabricadas com materiais orgânicos e metais. Muitas destas apresentam preocupantes sinais de alteração causados sobretudo pelas grandes flutuações da temperatura e da humidade relativa da sala ao longo do ano. Esta acção é facilitada pelas deficientes condições do edifício e do próprio arquivo, que se confunde, como é sabido, com a exposição.

Pode acrescentar-se ainda, que salvo as peças que ao longo dos anos têm sido cedidas para exposições no exterior, as restantes nunca tinham sido sujei-

tas a qualquer tipo de intervenção, preventiva ou curativa, não sendo raros os casos em que os materiais ainda se encontravam tal como vieram do campo.

O interesse manifestado por estas colecções por parte de investigadores e estudantes das licenciaturas, mestrados e doutoramentos na área da Arqueologia e da Antropologia, tem vindo a aumentar gradualmente, o que é atestado pelo elevado número anual de solicitações de consulta e pelo crescente número de visitas temáticas ao museu.

Se por um lado este interesse é fruto da reconhecida importância destas colecções, por outro, estendemos que também se deve ao lento trabalho que tem vindo a ser feito no sentido da sua divulgação, valorização e melhoria da acessibilidade.

É também relevante o número de pedidos de empréstimo de peças para exposições temporárias, aos quais se procura corresponder positivamente sempre que o seu estado de conservação não inspire preocupações de maior. Já outro tipo de pedidos, provenientes quase sempre de autarquias com museus de arqueologia ou com projectos para a sua instalação, no sentido de conseguir a transferência de peças com (elevado) interesse local, não tem colhido plena satisfação. Isto não significa qualquer menosprezo pela legitimidade da pretensão ou incompreensão do interesse da exibição local desses materiais, mas visam por um lado, a manutenção da integridade histórica e científica do património arqueológico depositado nos museus do IGM e fruto das investigações do pessoal técnico e científico que lhe esteve agregado ao longo dos tempos, por outro, a sua indivisibilidade na perspectiva de que estas colecções têm sido, e continuarão a ser, colecções de investigação.

4. Da preservação da integridade à valorização

Após a saída do activo dos dois últimos cultores da Arqueologia nos Serviços Geológicos, os Doutores G. Zbyszewski e Veiga Ferreira, a hipótese de desmembrar e repartir estas colecções, voltou a ser aventada. No entanto, tem-se plena consciência de que apesar de ao longo do tempo terem sido transferidas muitas peças para outras instituições (como foi, por exemplo, o caso das antiguidades egípcias, etruscas e romanas que chegaram a integrar as primeiras colecções), o acervo patenteia ainda um elevado valor científico e cultural, além de também documentar a “pré-história” da arqueologia portuguesa.

Estas colecções constituem assim, um património inalienável do I.G.M., suficientemente importante para justificar a afectação dos meios humanos e financeiros necessários à sua investigação, conservação e valorização, sendo estas duas últimas tarefas, as que se perfilam actualmente com maior pertinência.

Julgamos pois, desenharem-se a curto prazo, duas grandes prioridades:

uma de índole **estrutural** e **logística**, respeitante à

– melhoria das condições de segurança e ambientais do edifício e à reinstalação das reservas em melhores condições de conservação;

outra, na vertente da **divulgação** e respeitante à

- reorganização da exposição, ainda hoje marcada pelos condicionalismos de espaço e vincadamente erudita, que pela sua notória falta de comunicação, dificulta a leitura por públicos não especialistas⁶.

No que respeita à exposição, convém, no entanto, não perder de vista que o Museu do Instituto Geológico e Mineiro é hoje um dos últimos testemunhos dos antigos museus monográficos do passado século, reflectindo de forma exemplar toda uma cultura científica, o gosto e as preocupações sistemáticas do período oitocentista. O seu valor não se limita por isso ao acervo mas estende-se também a toda a ambiência (museografia), que lhe tem valido com frequência, o epíteto de “*museu do museu*”.

Torna-se assim, necessário garantir a sua continuação no local histórico onde está desde meados de 1859, na sua relação de proximidade com a Academia das Ciências de onde saiu a primeira Comissão Geológica em 1848, sabendo tirar o máximo partido das instalações e equipamentos existentes (que lhe conferem esse carácter único). Parece-nos, que o principal desafio é o de encontrar um equilíbrio inteligente entre a exposição tradicional existente e uma nova exposição mais “leve” e contextualizada, desenvolvida em torno de um programa, porventura alicerçado no estudo do contributo dado pelos organismos precursores do I.G.M. para o desenvolvimento da Arqueologia em Portugal.

Bibliografia

BRANDÃO, J. M. (1998) – *Sítios arqueológicos representados nas colecções do Museu*. Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Ed. integrada nas Comemorações dos 150 anos da criação da primeira Comissão Geológica. Trabalho policopiado.

BRANDÃO, J. M.; BARATA, M. (1998) – *Recuperação e valorização da colecção arqueológica do Museu do I.G.M.* Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro. Ed. integrada nas Comemorações dos 150 anos da criação da primeira Comissão Geológica. Aguarda publicação.

BREUIL, H. ; ZBYSZEWSKI, G. (1942 e 1945) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. vol. I - Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 23; vol. II - Les principaux gisements des plages quaternaires de la basse Vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 26.

CASTRO, L. A. (1961) – Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo). *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Lisboa. XV:3-4, p. 431-448.

⁶ Claro que a opinião do especialista, sobre o valor da exposição é diametralmente oposta. A este propósito recorde-se por exemplo Joaquim Fontes, antigo colaborador benévolo dos serviços geológicos, que nas Jornadas Arqueológicas de Sintra em 1957, afirmava “as magníficas colecções, metodicamente expostas, tinham valor didáctico indiscutível. Muito aprendia quem visitasse o Museu dos Serviços Geológicos” (Fontes, 1958).

DELGADO, J. F. Nery (1900) – Les Services Géologiques du Portugal de 1857 à 1899.

Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa. 4, p. VII-XLVIII.

DELGADO, J. F. Nery (1907-1909) – Relatórios sobre a reorganização dos Serviços Geológicos apresentados ao Ministro das Obras Públicas em 1899. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 7, p. 168-186.

FERREIRA, O. da V. (1977) – *Guia descritivo da Sala de Arqueologia pré-histórica*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. 14 p.

FLEURY, E.; FONTES, J. (1932) – *Collections de préhistoire du Service Géologique de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

FONTES, J. (1958) – Discurso inaugural das Jornadas Arqueológicas de Sintra.

Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa. 39 (2), p. 253-259.

PAÇO, A. do (1940) – Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. In *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré-história de Portugal*. Lisboa. p. 9-32.